

Mulher com emprego é um ganho social



UMA mulher com emprego no nosso contexto sociocultural é um grande ganho, partindo do princípio que nessa condição ela é um grande suporte para a estabilidade e paz familiar.

O facto foi defendido semana finda numa palestra sobre a "mulher e a violência doméstica", proferida no Ministério do Trabalho, Emprego e Segurança Social (MITESS), na cidade de Maputo, por ocasião do 7 de Abril, Dia da

Mulher Moçambicana.

Maria Supinho, do Gabinete de Atendimento à Mulher e Criança Vítima de Violência Doméstica, a nível da Polícia da República de Moçambique (PRM); Vitória Dias Diogo, Ministra do Trabalho, Emprego e Segurança Social; Salmira Cláudia Cuinica, maestrina do Grupo Cultural da Academia de Ciências Policiais (ACIPOL); e outras que intervieram no debate foram unânimes em afirmar

que a mulher é hoje uma peça fundamental na estabilidade da sociedade.

As palestrantes reconheceram que é visível o esforço da mulher visando a sua emancipação, a bem da sociedade, numa luta que dura há séculos.

Da mesma forma, reconheceram que os desafios para a mulher conquistar o seu espaço na sociedade são vastos, sendo que em relação ao acesso ao

emprego e cargos de chefia a mulher não tem outra alternativa para a sua concretização, senão a competência, profissionalismo e esforço individual, tudo isso traduzido numa educação séria e mais abrangente.

Aliás, Vitória Diogo disse, a propósito, que o que a mulher precisa é de igualdade de oportunidades, em todas as esferas da vida, sem as barreiras fisiológicas que lhe diferenciam do homem.

A maestrina da ACIPOL também contou o que significa estar a dirigir um grupo cuja maioria é composta por homens. Para ela, a determinação e entrega ao trabalho são a única via para acabar com os tabus, porque a mulher também deve demonstrar que é capaz de fazer essas actividades que, "a priori", são eleitas como sendo para os homens.

Recorrendo ao seu quotidiano profissional, Maria Supinho disse, por sua vez, que há coisas outrora consideradas exclusivas do homem, mas que hoje são também feitas por mulheres, sem contemplações.

É sinal de que, segundo explicou, o receio e o tabu tendem a desaparecer, quando se trata de igualdade entre o homem e a mulher.

No seu sector, exemplificou, há hoje muitas mulheres em cargos de chefia, inclusive nas áreas consideradas complexas, como a das operações.

Referindo-se à violência doméstica, Maria Supinho, há 39 anos na Polícia, disse que se trata de um fenómeno que já deixou de ocorrer num único sentido, numa percepção de que já não é do masculino para o feminino apenas, atendendo que os homens, com coragem, já são em grande número que se vão queixar no seu gabinete, como vítimas.

Sublinhou, por outro lado, que o grande desafio tem sido a explicação a dar à sociedade sobre o fenómeno, porque os tempos são outros.

Antes, disse, e num contexto próprio, a violência doméstica até era vista como sinal de amor, mas hoje ela é um crime. O mesmo acontece quando os pais recorrem à violência para educar os seus filhos.